

O PROCESSO DE ESPECULARIDADE NA CONSTRUÇÃO  
DO DIÁLOGO ADULTO-ADULTO

Ana Sílvia Nogueira Martins  
Jânia M. Raros  
UNICAMP

I. Repetição: Imitação ou Especularidade?

Buscar explicações para a presença sistemática da repetição lingüística na língua falada, tanto pelas crianças quanto pelos adultos, impõe, antes de mais nada, a reflexão acerca da relação entre este fenômeno lingüístico e o da imitação comportamental em geral. Tal necessidade é decorrente sobretudo do fato de que nas teorias de aprendizagem e do conhecimento e mesmo nos estudos de aquisição da linguagem, imitação e repetição constituem um par quase indissociável.

Alguns conceitos científicos jamais se libertam de um significado que, em determinado momento, fizeram aflorar como parte essencial de sua caracterização. Assim ocorre com o conceito de imitação sempre associado à cópia fiel e mecânica de um modelo. Similarmente, visto que a repetição lingüística se configurara pela reprodução parcial ou total de enunciado precedente, a sua vinculação à imitação - cópia de um modelo - cristalizou-se.

Devido ao peso imposto pelo mecanicismo à repetição verbal, alguns estudiosos da linguagem propõem a dissociação entre imitação e repetição lingüística, o que também exige outra terminologia. O termo especularidade, proposto por Carraioni (79) para designar os atos imitativos no nível motor, é utilizado por De Lemos (81) de modo a englobar as repetições no nível verbal.

Através dos conceitos de especularidade, complementaridade inter-turno e complementaridade intra-turno ou reciprocidade, os processos de incorporação lingüística podem ser deslocados de seu emparelhamento quase automático com o fenômeno da imitação, o que permite realçar seu papel constitutivo na construção do diálogo. Sob este prisma, a incorporação lingüística é um processo ativo e criativo que a atividade dialógica expõe.

Segundo De Lemos, a especularidade corresponde à resposta da criança que incorpora parte ou todo o turno da mãe no nível segmental. Por sua vez, a comple-

mentaridade inter-turno ocorre quando a resposta da criança preenche um lugar semântico, sintático e pragmático instaurado pelo enunciado imediatamente precedente do adulto. Já a complementaridade intra-turno ou reciprocidade abarca a incorporação pela criança do enunciado imediatamente precedente do adulto mais sua combinação com um vocábulo complementar.

De Leros salienta a importância desses processos na construção do diálogo porque é precisamente através da incorporação de pelo menos parte do enunciado precedente do Outro que cada um dos elementos da díade ocupa seu turno de fala. Desse modo, a coesão e a progressão do diálogo dependem desta incorporação mútua.

Neste trabalho, pretenderemos reanalisar, a partir de uma perspectiva sócio-interacionista, dois tipos de incorporação linguística identificados em trabalhos anteriores como Repetição distribuidora (Raros 83) e Repetição através de construções "a posteriori" (Martins: 83):

- (1) O peçoal tá começando a trabalhar  
peçoal de 16, 17 anos.

Tais incorporações do discurso precedente são concretizadas pela atuação do processo de complementaridade intra-turno, conforme a definição já exposta de De Leros. Nossa hipótese é a de que essas incorporações preenchem "slots" discursivos, que testemunham uma pergunta do interlocutor.

Em um primeiro momento, enfocaremos o modo como os processos de especularidade e complementaridade conjugados se apresentam no diálogo entre adultos. Em seguida, através da comparação de nossa análise com a de estudos de aquisição de linguagem, buscaremos uma explicação para a gênese dessas construções.

Nossos dados provêm de duas fontes:

- a) Transcrição de 130 minutos de gravações de entrevistas com adolescentes, analisadas por Raros;
- b) 270 minutos de gravações de conversas entre adultos e 90 minutos de transcrição que constitui a fita-base para a pesquisa de Martins.<sup>1</sup>

## 2. Da construção do Diálogo Adulto-Adulto

### 2.1 Especularidade e complementaridade

Em nossas amostras, grande parte dos exemplos de incorporação linguística referem-se a ocorrências de especularidade acompanhada de novas contribuições complementares o que configura instanciações do processo de complementaridade intra-turno.

Interessante notar que a complementaridade pode ser determinada por uma solicitação explícita do interlocutor, conforme ocorre no turno de B em:

- (2) A. (Ele) tem uma firma que faz uns termômetros tal...
- B. Termômetro, de que? Pra indústria?
- C. Termômetro médico. (M)

No entanto, não há obrigatoriedade de um pedido efetivo por complemen-

taridade para que o falante adulto expresse uma expansão do elemento espelhado. Em outras palavras, não é preciso que uma questão seja feita pelo interlocutor para que suas expectativas possam ser consideradas. Se, em (2), a solicitação de B não tivesse sido enunciada, A, em um único turno, poderia fornecer a mesma contribuição:

(2.1) A. (Ele) tem uma firma que faz uns termômetros tal... termômetro médico.

De fato, nosso exemplo (1) já evidencia esse procedimento que também pode ser constatado em outros casos semelhantes:

(3) Homem assim tem muito mais chance, depende da aparência.

Aparência acho que leva muito em conta. (R)

Saliente-se ainda que, além da presença ou da ausência de uma solicitação expressa de complementaridade, há outro aspecto diferenciador das ocorrências de complementaridade intra-turno: a localização do elemento que é posteriormente espelhado.

Em (1) e (3), o elemento espelhado é extraído do enunciado precedente do próprio locutor. Há outros casos, entretanto, em que o elemento espelhado é retirado do enunciado do turno anterior:

(4) A. Também eu falo aqui agora /com/ uma pessoa que nunca foi no hospital!

B. Hospital assim eu já fui numa clínica. (R)

Para finalizar, é preciso ressaltar ainda que, em geral, como se pode verificar em (1), (3) e (4), o elemento incorporado se torna um tópico. Este tópico, que resulta de especularidade, instaura um espaço discursivo que o coenunciado vem a preencher. Desta forma, o coenunciado, de certo modo, é uma resposta a uma questão virtual ou real do interlocutor.<sup>2</sup> Além disso, é o processo de complementaridade intra-turno o responsável pela fragmentação da proposição a ser expressa que somente é completada através de dois enunciados distintos.

Na próxima seção, pretendemos explicitar os processos de construção envolvidos em seqüências do tipo (1) e (3), através de um paralelo com os estudos de aquisição da linguagem.

### 3. Paralelo entre os Diálogos Adulto/Adulto e Adulto/Criança

Os estudos relativos à aquisição da linguagem nos fornecer pistas interessantes para a resolução das seguintes questões:

- a) Por que os elementos que introduzem enunciados, no diálogo já instaurado, são quase sempre resultantes da incorporação do discurso precedente?
- b) Por que há fragmentação da proposição em mais de um enunciado?

### 3.1. Construções com tópico

Nossos exemplos, conforme acabamos de frisar, configuram construções do tipo tópico e correntário. Em transcrições de diálogos entre adulto e criança, construções semelhantes são encontradas:

- (5) Ronald, 24 meses/ transcrição feita por Tweed/  
(Ronald e a mãe brincavam com o cachorro Sheshe) (0)  
R: yard/ (1)  
    mom/ (2)  
M: What? (3)  
R: yard/ (4)  
M: Yard. Yeah, Sheshe's out in the yard. (5)

Vejaros com Ochs, Schieffelin e Platt (79) analisam estes dados. Segundo as autoras, a construção de proposições (linha 5) envolve um processo que pode ser descrito em quatro passos:

- (a) o falante evidencia notar alguma entidade X.
- (b) o falante tenta fazer com que o ouvinte note X.
- (c) o ouvinte evidencia que notou X.
- (d) o falante ou o ouvinte dá ou elicit a informação adicional sobre X. (p. 254)

Em (5), a linha 0 evidencia o cumprimento do passo (a); a linha 1, o passo (b). Na linha 5, a incorporação do item yard mostra a realização do passo (c) e finalmente o enunciado Sheshe's out in the yard, o passo (d).

A presença de yard na linha 5, conforme Ochs et al., implica especularidade. Mostra que essa entidade é foco de atenção mútua, um conhecimento partilhado. Sendo assim, a construção com o tópico resulta de atividade conjunta: da criança, por fornecer o tópico e da mãe, por expandi-lo.

Em estágios mais avançados, a própria criança faz a expansão:

- (6) Toby e David, 35 meses
- D: oh/ (1)  
    bell/ (2)  
T: bell/ (3)  
D: bell/ (4)  
    It's mory's (5)

A incorporação de bell no discurso de Toby (linha 3) mostra que o passo (c) foi cumprido. Diferentemente de (5), neste caso quem adiciona informação é o mesmo locutor que introduziu o tópico (linha 5).

As autoras fazem duas observações interessantes a respeito dos passos

(c) e (d). A primeira é a de que o passo (d) pode ser efetivado quer pelo falante, quer pelo ouvinte, já que, tendo a entidade se tornado foco de atenção mútua, ambos interlocutores têm possibilidade de adicionar informações. A segunda é relativa ao fato de que quando o ouvinte fornece "predicação relevante"<sup>3</sup> sobre o item focalizado, muitas vezes, ele usa recursos sintáticos para expressar que esse item é uma informação dada. Quando, entretanto, o ouvinte leva adiante o passo (c), incorporando parte do enunciado precedente, ele não usa a sintaxe para marcar o "status" dado desse item. Esse "status" é expresso discursivamente. "When a hearer carries out Step 3 by repeating the prior speaker's utterance, he is not using syntactic means to achieve definiteness. Definiteness is achieved "Interactionally" (or pragmatically) rather than syntactically". (p. 263).

A propósito do exemplo (6), as autoras ressaltam que o pronome it, usado para se referir a bell, só ocorre depois de esse item ter sido repetido pelo ouvinte. Parece-nos que, ao fazerem este comentário, Ochs et al, não levaram em conta a ocorrência de bell na linha 4, ocasião em que o ouvinte demonstra ter tomado conhecimento da entidade em questão. Essa "redundância", de certo modo inesperada porque o parceiro tinha realizado o passo (c), coloca uma questão fundamental: o falante, no caso David, realiza o passo (c) embora esse já tivesse sido cumprido pelo interlocutor. A realização dessa tarefa implica uma reversibilidade de papéis: é como se David tivesse falado no lugar de Toby. Neste caso, o locutor assume o papel do interlocutor. Isto leva a crer que a presença do turno 3 não é necessária para que o passo (c) seja cumprido.

Tendo em vista tais considerações, poderemos analisar o exemplo abaixo como evidenciador de um processo em que na linha 2 o passo (b) é evidenciado e na linha 3 os passos (c) e (d) o são:

- |  |     |
|--|-----|
| (3) <u>Homem assim tem muito mais chance/</u>  | (1) |
| depende da <u>aparência/</u>                   | (2) |
| <u>aparência acho que leva muito em conta.</u> | (3) |

Se, contudo, tivesse havido participação efetiva do interlocutor, a sequência teria a seguinte estruturação:

- |  |               |
|--|---------------|
| (3.1) A. <u>Homem assim tem muito mais chance/</u> | (1)           |
| depende da <u>aparência</u>                        | passo (b) (2) |
| B. <u>aparência? por quê?</u>                      | passo (c) (3) |
| A. <u>acho que isso é levado muito em conta.</u>   | passo (d) (4) |

A diferença entre (3) e (3.1) consiste essencialmente na redução de turnos ou, em outras palavras, na assunção dos papéis de locutor e interlocutor pelo mesmo falante. Aliás, este fenômeno já foi comentado na seção 2.1.

Ochs, Schieffelin e Platt observam que "caretakers" apresentam suas proposições às crianças em turnos diferentes, primeiro o argumento principal é apre-

sentado e depois o "predicado relevante". Explicar esse procedimento como uma estratégia através da qual o adulto se assegura de que a atenção do interlocutor está dirigida para a entidade ou para o estado de coisas que quer colocar em foco. Desse modo, as caretakers desenvolvem os passos (b) e (d).

### 3.2. A dupla face do discurso incorporado.

Ao mesmo tempo em que fragmento discursivo incorporado retrata o cumprimento do passo (c), que coloca também a presença do interlocutor, instaura um "slot" discursivo. Quem chama a atenção do Outro sobre algo, deve, por uma questão de relevância, ter algo a dizer sobre ele. Por isso, a incorporação de um fragmento impõe simultaneamente a presença de ambos os parceiros da diáde: o primeiro presente através do próprio material lingüístico e o segundo pela imposição de preencher o "slot" instaurado.

Essa dupla face explica porque o passo (d), isto é, o fornecimento de predicação relevante, pode ser uma pergunta ou uma informação adicional, efetivada quer pelo falante, quer pelo ouvinte.

A nosso ver, apenas a informação adicional perfaz o passo (d) e não a solicitação dessa informação, ao contrário do que afirmam Ochs, Schieffelin e Platt. Parece-nos razoável incluir a pergunta no passo (c). Em outras palavras, no momento em que o locutor B evidencia que tem sua atenção dirigida para a entidade que o locutor A colocou em evidência, criam-se neste expectativas de que o diálogo vai prosseguir. Caberá, portanto, quase sempre ao locutor B, que introduziu o tópico, fornecer a informação adicional.

Desse modo, muitas das incorporações do discurso precedente trazer consigo a implicação de que o diálogo vai prosseguir. O passo (c), responsável pela especularidade, exige uma complementação: ele contém a pergunta formulada pelo Outro. Retornemos os exemplos (2) e (1) onde a voz do Outro se materializa no primeiro e é apenas representada no segundo:

- (2) A. (Ele) tem uma firma que faz uns termômetros tal...  
B. Termômetro de quê? Pra indústria?  
C. Termômetro médico.

- (1) A. O peçoal tá começando a trabalhar.  
Peçoal de 16, 17 anos.

Observemos a seguir mais um exemplo citado por Ochs, Schieffelin e Platt, analisado como realização do passo (d) na linha 4:



(7) Allison II: 19 meses e duas semanas (Bloom: 73)

A pointing to the box	passo (a)	(1)
A: box	passo (b)	(2)
M: box/	passo (c)	(3)
What do you think is in the box?	passo (d)	(4)

As autoras reconhecem a linha 4 como uma expansão. Também Gebara (85) reconhece questões do tipo sim/não e QU como um tipo de expansão e afirma que, embora apenas em estágios mais adiantados do desenvolvimento, a criança poderá responder a essas questões, o interlocutor faz uso delas no diálogo. Agindo assim, ele está, segundo a autora, introduzindo a possibilidade de um novo turno.

Considerando que o passo (c) consiste na manifestação de que o interlocutor está atento à entidade ou ao estado de coisas apontados pelo locutor, parecem-nos que a pergunta da mãe em (7), do mesmo modo que a enunciação de box, manifesta esta tomada de consciência. Conseqüentemente, conforme mencionamos há pouco, ainda faz parte do passo (c).

Desse modo, enunciados como (6) já trariam, no interior de si um turno semelhante ao do interlocutor em (7), ou seja, ao lado da citação, o interlocutor faria também uma pergunta. Já enunciados do tipo (3) trariam implícitos tanto a citação - fala do interlocutor - quanto a pergunta. O fragmento incorporado teria em si, portanto, a voz do interlocutor e a pergunta ou a solicitação de informação adicional. Daí a nossa afirmação de que incorporações lingüísticas desse tipo implicam um "slot" discursivo.

### 3.3. Um tipo especial de complementaridade

Os casos de complementaridade enfocados neste trabalho e nos de aquisição de linguagem são relativos à expansão do eixo horizontal de organização da linguagem. Até mesmo as construções verticais (estudadas por Scollon: 76 e Ochs et al.: 79), relativos à expressão, pela criança, de uma mesma proposição através de mais de um turno, são testemunhas de uma complementaridade que expande o eixo horizontal de organização lingüística.

Entretanto, nossos dados relativos a interação entre amigos, evidencia complementaridade para a exploração do eixo paradigmático da língua. Através de especificidade e de complementaridade vertical, todos os participantes da interação procuram contribuir para a própria construção de um único enunciado:

(8) A. (Referindo-se a outro país em que viveu)  
porque lá é mais assim<sup>4</sup>

- D. mais sofisticado?  
 C. mais formal?  
 A. não é só formal  
 B. é uma curtição  
 A. é uma curtição  
 é um acontecimento.

Este exemplo, a nosso ver, pode ser analisado como instanciação máxima de compartilhamento e de indiferenciação. Não há mais sujeitos discursivos distintos: todos os participantes da interação passam a experienciar e a construir a linguagem pelo prisma do Outro, detentor do turno inicial. Momento de indeterminação extrema que salvaguarda, acima de tudo, a interação que se iconiza na atividade lingüística. Para compartilhar um objeto lingüístico é preciso "interpretar e coordenar perspectivas sobre o mundo". (De Lemos: 81).

Isto parece indicar que, ao menos em determinados momentos, as fronteiras entre os diferentes papéis discursivos se fundem. Deixa de existir um Eu e um Outro diferenciado e da indeterminação resultante emerge a natureza fundamentalmente mútua da atividade dialógica. Em tais casos, tem-se a proeminência da integração total em ação. Conforme já apontado por Wallon. "Diferenciação e integração são sincrônicas. Se uma está em ação é porque a outra está em latência". (p.120).

Aliás, é exatamente este ponto que enfatizamos em nossa análise de exemplos de complementaridade intra-turno: os enunciados lingüísticos, que exigem os processos de especularidade e de complementaridade, são testemunhas desse desdobramento do Eu. Uma mesma contribuição lingüística expõe os processos de diferenciação e de fusão, o que dá relevo à natureza conjunta da atividade dialógica.

#### 4. Considerações Finais

Neste estudo buscamos mostrar que certas incorporações do discurso precedente, na fala do adulto, correspondem a um "slot" discursivo, resultante de uma pergunta virtual ou real do interlocutor.

Se nossa hipótese estiver correta, será possível estabelecer novas perspectivas de análise para os fenômenos identificados, em trabalhos anteriores, como repetição e discutir, sob esse novo prisma, a suposta equivalência atribuída aos diferentes recursos lingüísticos responsáveis pela coesão textual.

Ao deslocar o foco de análise do produto do diálogo para o processo, a coesão lexical adquire um significado especial em relação aos demais recursos (elipse, pronominalização, etc.). Ao mesmo tempo em que, do ponto de vista formal, constitui um elo entre os enunciados, a coesão lexical mostra o ponto de contato dos sujeitos constituídos na interação. Sendo "o discurso um ato que aproxima no espaço verbal os interlocutores" (Osakabe: 79), a coesão obtida através de especularidade garante



essa aproximação de modo mais evidente. Daí continuar co-ocorrendo e concorrendo com os demais recursos no diálogo entre adultos.<sup>5</sup>

Um outro ponto nos parece interessante. Se cada incorporação do discurso precedente testemunha a voz do Outro, o material adicionado aos fragmentos incorporados pode vir a ser fonte de dados que reflitam a imagem que o locutor faz de seu parceiro na diáde.

Finalmente, gostaríamos de ressaltar que apresentamos aqui apenas um dos vários aspectos do complexo fenômeno que se mostra e se esconde através da incorporação de fragmentos do discurso precedente nas falas de adultos e adolescentes em situações de interação. É apenas uma dentre as possíveis respostas à questão deixada em aberto por De Lemos quanto ao "modo como os objetos entram e são constituídos neste processo intersubjetivo", ou seja, no universo do diálogo.

#### NOTAS

- (1) Martins (83) coletou seus dados em gravações da interação entre um grupo de amigos e Ramos (83) utilizou para sua coleta entrevista do tipo "não estruturada", ou seja, o entrevistador foi orientado no sentido de deixar fluir o discurso, inserindo questões sobre o que o informante se mostrasse disposto a falar. Os exemplos analisados pertencentes ao primeiro trabalho serão marcados com (M) e os do segundo com (R).
- (2) A associação entre presença do tópico e uma seqüência de pergunta e resposta está na gênese de construções condicionais. Para Hairan (80), citado por Campos (83), a prótase de uma condicional é um mini-diálogo com dois participantes, por exemplo:  
A. Is he coming?  
B. Yes  
A. Well, than I'll stay.  
Nos enunciados do tipo se p então q, p pode ser considerado tópico, algo dado, que serve de base para um comentário que o então introduz (cf. Campos 83: 105).
- (3) Ochs et al. (79) não explicitam o que constitui a relevância de uma contribuição.
- (4) Assim é indicador de algum tipo de indecisão do falante (Martins: 82), o que autoriza qualquer participante da interação a contribuir.
- (5) Keen (77) e Ochs et al (79), afirmam que é à medida em que a sintaxe vai sendo adquirida, o uso de repetições decresce.

## BIBLIOGRAFIA

- CAMAIONI, L. (1979) "Child-Adult and Child-Child Conversations: An Interactional Approach" In E. Ochs e B.B. Schieffelin (eds) Developmental Pragmatics, New York, Academic Press, pp. 325-338.
- CASTRO CAMPOS, M.F.P. (1985) "Da Condicional como Processo Dialógico" in Cadernos de Estudos Linguísticos, 9, Campinas, SP, pp. 103-114.
- De LEMOS, C.T.G. (1981) "Interactional Processes in the Child's Construction of Language", in W.Deutsch (org) The Child's Construction of Language, Londres, Academic Press, pp. 57-76.
- KEENAN, E.O. (1977) "Marking it Last: Uses of Repetition in Children's Discourse", in S. Erwin-Tripp e C. Mitchell-Kernan (eds) Child Discourse, New York, Academic Press.
- MARTINS, A.S.N. (1982) "Algumas Características do Português Falado", in VI Anais de Seminários do GEL, Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pp. 13-22.
- \_\_\_\_\_, (1983) Reflexos da Atividade de Planejamento na Conversação Espontânea, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- OCHS, E., B.B. SCHIEFFELIN & PLATT (1979) "Propositions across Utterances and Speakers" in E. Ochs e B.B. Schieffelin (orgs) Developmental Pragmatics, New York, Academic Press. pp. 251-268.
- OSAKABE, H. (1979) "Sobre a noção de discurso" in Sobre Discurso, 9, Uberaba, Instituto de Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, pp. 20-35.
- RAMOS, J.M. (1983) Hipóteses para uma Taxonomia das Repetições no Estilo Falado. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- SCARPA, E.M. (1985) Intonação e Processos Dialógicos: Fusão ou diferenciação? in Aquisição da Linguagem, Uberaba, Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba. pp. 56-74.
- SCOLLON, R. (1976) Conversations with a One Year Old - A Case study of the Developmental Foundation of Syntax. University Press of Hawaii.

WALLON, H. (1975) Henri Wallon. M.J.G. Werebe e J. Nadel-Brulfert (org.), 1986, São Paulo, Ed. Ática.